



A subversão religiosa pela ironia em Teolinda Gersão: onde reina o fosso da desigualdade social

Religious Subversion through Irony in Teolinda Gersão: Where the Social Inequity Pit Reigns

Márcia Manir Miguel Feitosa

Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, Maranhão / Brasil
marciamanir@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-5750-8620>

Cristiane Navarrete Tolomei

Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, Maranhão / Brasil
cntolomei@yahoo.com.br

<http://orcid.org/0000-0001-7017-0943>

Resumo: Teolinda Gersão é dona de uma obra que evidencia a complexa relação entre os sujeitos com a família, sociedade, religião, trabalho, espaço etc. Este texto se propõe a analisar dois contos do livro *Prantos, amores e outros desvarios* (2016): “O meu semelhante” e “Décimo mandamento”, verificando como Gersão retrata a desigualdade social em Portugal, sobretudo, em Lisboa, a partir do sistema capitalista e do processo de globalização, e a consequente segregação socioespacial que divide o centro da burguesia da periferia da classe trabalhadora. Ademais, observa-se como a escritora, num tom irônico, problematiza o papel da religião nesse contexto econômico e social, marcado pela hierarquização de classe, no Portugal contemporâneo. Para a realização deste estudo de classificação básica, seguiu-se as seguintes etapas: (i) pesquisa bibliográfica e revisão da literatura; (ii) quanto à abordagem, a pesquisa é qualitativa, priorizando aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano no *corpus*. A análise dos contos coloca em tela os privilégios da elite, detentora do poder, em contraposição à miséria

do trabalhador, apontando para uma desigualdade social estrutural e não ontológica nas narrativas em questão. Portanto, Teolinda destaca como a desigualdade social está atrelada aos interesses do capital, impulsionado pelo contexto neoliberal.

Palavras-chave: Teolinda Gersão; desigualdade social; ironia; religiosidade.

Abstract: Teolinda Gersão authored works that evidence the complex relationship between the subjects and family, society, religion, work, space, etc. We analyze the following two short stories in the book *Prantos, amores e outros desvarios* (2016): “O meu semblante” and “Décimo mandamento” to evaluate how Gersão depicts the social inequities from the capitalist system and the globalization process, and its consequential socio-spatial segregation that divides the bourgeoisie downtown from the peripheral working class in Portugal, especially Lisbon. Furthermore, we observe how the writer ironically discusses the role of religion in this social and economic context marked by class hierarchy in the contemporaneous Portugal. To perform this basic classification study, we used the following steps: (i) Literature review; (ii) qualitative research prioritizing subjective aspects of social phenomena and human behaviour at the *corpus*. Short story analysis puts the privileges of the power owning elites in contraposition with the worker’s misery, pointing to the structural and non-ontological social inequity in the narratives studied. Therefore, Teolinda highlights how social inequity is connected to the capital interests, pushed by the neoliberal context.

Keywords: Teolinda Gersão; social inequity; irony; religiosity.

1 Introdução

Parto sempre da experiência, vivida ou vista viver por outros, para depois saltar para “outra coisa”, que ultrapassa as circunstâncias e o que há de particular na história.
(Teolinda Gersão).

Os 40 anos de vida literária de Teolinda Gersão são marcados por uma intensa labuta a construir histórias e narrativas largamente premiadas pela crítica, desde *O silêncio* (1981), romance que descortina o véu de

sua escrita até obras mais recentes que reúnem novelas e contos com o sabor do cotidiano de relações humanas muitas vezes deterioradas. É o caso de *Prantos, amores e outros desvarios*, publicado em 2016 e laureado com o Grande Prémio do Conto Camilo Castelo Branco.

Tecido a partir de 14 contos relativamente curtos, com exceção de “Alice in Thunderland” que encerra o livro, *Prantos, amores e outros desvarios* envereda por temáticas aparentemente simples porque fruto de situações por demais corriqueiras, mas complexas ao mesmo tempo. Os personagens escolhidos transitam por dissabores, frustrações, injustiças, ressentimentos, loucuras, desvarios, problemas de cunho universal retratados com sutileza e fina ironia, chegando a culminar, de forma surpreendente, no inesperado.

Álvaro Cardoso Gomes, em *A voz itinerante* (1993, p. 74), salienta o quanto as histórias de Teolinda são exemplares “(sem que isso implique necessariamente um fim moral), arquetípicas, que servem para, criticamente, comentar as relações humanas”. Tão exemplares que decidimos por trazer à tona duas das histórias que atravessam o horizonte inquietante de *Prantos, amores e outros desvarios*: “O meu semelhante” e “Décimo mandamento”, dada a proximidade temática e o rasgo irônico que as constitui, a beirar a subversão.

Somos arremessados, nos dois contos, ao fosso da desigualdade social por meio de personagens que detêm a posse financeira e o exercício do poder, e daqueles que carecem de condições econômicas e da possibilidade de domínio desse mesmo poder. No cerne dessas contraposições, destaca-se a significativa presença da religiosidade, esculpida a dedo por Teolinda que, ao ironizá-la, coloca em xeque o seu verdadeiro papel entre os homens. Vejamos de que modo todo esse universo é entrelaçado nessas histórias.

2 Entre o arranha-céu e o fosso: desigualdade social e exclusão

Em *Prantos, amores e outros desvarios*, Teolinda problematiza as diferenças socioeconômicas em Portugal por meio de personagens situados, pelas condições materiais, à margem da sociedade portuguesa. Destacamos para tanto as vivências da narradora-personagem Ricardina de “O meu semelhante” e o mendigo de “Décimo mandamento”.

Ricardina representa o trabalhador português que é vítima do sistema capitalista, enquanto mecanismo responsável sobre os níveis

de pobreza, exclusão e desigualdade; e do processo de globalização que trouxe uma nova forma de organização institucional transnacional e com ela uma nova classe capitalista. Logo, com a entrada da globalização no país, a economia local passa a enfrentar uma desregulação da economia social, intensificando as desigualdades e exclusões sociais. No exercício da sua função, Ricardina nos relata:

[...] Eu lavo as escadas, é para isso que me pagam, e só ando de elevador para as lavar. Subo até ao último piso e começo a lavar de cima para baixo, que é como deve ser.

Quando chego cá baixo, já lavei e desci tudo quanto é degrau e patamar e doem-me os braços e as pernas, e até as mãos, de tanto rolar nelas o cabo da esfregona (GERSÃO, 2016, p. 43).

Por intermédio da voz da narradora-protagonista, Teolinda valoriza as vozes que estão à margem do poder, priorizando, no conto em questão, a voz de uma trabalhadora que sofre com a exploração de sua mão de obra ao limpar sozinha as escadarias de um prédio em um condomínio residencial. Sobre isso, de acordo com Karl Marx no capítulo 8 do Livro I de *O Capital* (2013, p. 390), “todos os meios para o desenvolvimento da produção se convertem em meios de dominação e exploração” do trabalhador.

Algumas das consequências dessa exploração da força de trabalho de Ricardina são as intensificadas dores nos braços, nas mãos e nas pernas. Conformada com a situação, afirma ser paga para “lavar de cima para baixo” as escadarias do edifício, embora o esforço excessivo lhe cause estafa física após o término da jornada de trabalho. Sobre as condições de trabalho da narradora-personagem, destacamos o contrato estabelecido entre o empregador e o empregado, o qual este último receberá o salário se cumprir a sua tarefa. No caso da personagem, fica nítido que esse contrato só beneficia a classe média que economiza e lucra com a exploração da trabalhadora, pois a quantidade de força de trabalho é maior do que ela recebe como pagamento, já que, além de um edifício, Ricardina limpa mais: “[...] Até porque não tenho só aquele prédio do condomínio, tenho mais, e limpo os corredores e as garagens, aquilo é um desperdício de vazio, no espaço que eles não usam vivia uma pancada de famílias” (GERSÃO, 2016, p. 43). Mesmo aumentando a jornada de trabalho, ela e sua família vivem em condições precárias:

Em minha casa nem lugar há para outra mesa, as crianças fazem os deveres na mesa da cozinha. E ainda tive sorte de o vizinho Arnaldo me fechar a marquise, sempre tenho onde pôr umas mercearias, e deixo debaixo da cama as malas com roupa de verão ou de inverno, a que não se usa no tempo em que se está. Antes da marquise entrava muito frio por baixo da janela, assim ficou bem melhor, a marquise tem pouco espaço mas sempre é mais algum, e tudo o que possa ajudar eu agarro logo, com as duas mãos (GERSÃO, 2016, p. 43-44).

Não valia a pena eu perder o barco, ainda mais quando à hora do almoço tive de ir a correr comprar uns ténis de ginástica para o meu mais novo, a professora marcava falta se ele não os levasse, e ao lado dos ténis vi alheiras com desconto e um pão de Mafra e comprei o pão e as alheiras, e depois a dona do quinto andar ouviu-me no patamar e abriu a porta a perguntar se eu queria seis pacotes de leite que já estavam um dia depois do prazo, eu disse que sim, é claro, o leite de certeza estava bom, e portanto eu vinha carregada com os ténis, as alheiras, o pão de Mafra e os pacotes de leite, só queria era pôr-me a andar dali para fora o mais depressa que pudesse [...] (GERSÃO, 2016, p. 44-45).

A desigualdade social atravessa a sociedade portuguesa na sua ligação com os territórios que passam a ser hierarquizados, revelando, através da voz de Ricardina, um cenário socioespacial com nítida deficiência na distribuição de renda, gerando sérias dificuldades à classe trabalhadora que vive em condições mínimas de dignidade e cidadania. Nos dois trechos em destaque, observamos os privilégios da classe média portuguesa que é dona dos melhores e mais caros terrenos (construções), dos modos de produção (empregos) e bens de consumo (alimentos, roupas, móveis etc.). Somando-se a isso, ressaltamos o momento quando a moradora do 5º andar – sem identidade, já que pode ser entendida como uma personagem tipo –, oferece à Ricardina caixas de leite vencidas, prontamente aceitas pela narradora-personagem, pois para ela o leite diminuirá tanto a fome de seus filhos quanto a dela. Logo, notamos a injusta e desigual distribuição de renda na qual um setor social consome em demasia, até mesmo desperdiçando, enquanto o outro, para sobreviver, consome produtos usados e vencidos. Assim, no gesto “caridoso” da moradora do condomínio que, por certo, buscava amenizar seu sentimento de culpa, ou de toda a classe média, doando aos pobres comida, ou seja,

aquilo que seria uma atitude benevolente, destaca-se pelo egoísmo e individualidade, motivando o desrespeito ao outro.

Para ilustrar ainda mais a desigualdade social entre os moradores do condomínio e a trabalhadora, apresentamos outro recorte do conto:

Eles sabem lá o que é trabalho. Andam elevador abaixo e elevador acima para sair a passear o cão, ir ao cabeleireiro, ao ginásio e às compras nas lojas finas, e nunca pensaram em quem lava as escadas. Nem devem sabem (sic) quanto me pagam, são despesas do condomínio. Nunca é com eles que falo, é com os encarregados, que também não fazem nada, a não ser mandar. Ora isso também eu fazia, e bem melhor do que eles. Ó Fulana, lave aí estas escadas. É tanto ao fim do mês (GERSÃO, 2016, p. 43).

Nos centros urbanos, especialmente Lisboa enquanto cenário do conto, a segregação socioespacial, na relação centro-periferia, ocorre, sobremaneira, no consumo das necessidades como escola, cultura, lazer, habitação. Ricardina somente divide o mesmo espaço com a classe média, conforme os interesses dos empregadores, na sua função de faxineira. Numa relação dialética entre os moradores de áreas geográficas, economicamente distantes, os dois grupos sociais se encontram no condomínio fechado, marcado pela verticalização de alto padrão, onde, embora próximos, há o limite hierárquico entre a classe média e a trabalhadora. Evidenciamos também que, mesmo estando diariamente no convívio com os moradores e encarregados do condomínio, Ricardina, para nós, leitores, é marcada pelo seu nome próprio: nós a conhecemos, é a “fulana” que limpa as escadas, um sujeito qualquer. No status hierárquico estabelecido por uma sociedade capitalista, Teolinda encena tipos para criticar essa relação de interesse – muito mais por parte dos empregadores – que autoriza uma integração social com a empregada no horário estabelecido em sua jornada de trabalho; nada além disso.

A distribuição desigual entre os dois segmentos sociais, referenciados por Teolinda, revela-se abertamente na segregação social e econômica, ressaltada pela divisão cultural (estilo arquitetônico, comportamento social), a qual acentua a diferença entre a moradia dos habitantes do condomínio e a casa humilde de Ricardina. Enquanto verificamos que a moradia da narradora-personagem não tem móveis e, muito menos, uma proteção adequada para as mudanças climáticas, a classe média usufrui, não como poderia e deveria, dos espaços do condomínio:

[...] Mas ali no condomínio os elevadores devem ser bons. Pois eles não têm dinheiro para grandes carros e para aqueles jardins no telhado, com relva e tudo? E para uma piscina, também no telhado, com cadeiras de lona e guarda-sóis em volta? Lá não dizem telhado, dizem deque. A modos que nem há telhado, pelo menos nunca lá vi telhas, aquilo é uma espécie de varanda a cobrir tudo, e nem chegam a gozá-lo, porque nunca vi ninguém nesse tal jardim, haviam logo de poupar nos elevadores? Nã, aquela gente nem sabe o que é poupar [...] (GERSÃO, 2016, p. 44).

Além de denunciar um modo de vida diferente e de esbanjamento “[d]aquela gente”, Ricardina, ao retirar-se da realidade de privilégios da classe média lisboeta, ainda satiriza o fato de que, com tanto dinheiro para futilidades, teriam para a manutenção do elevador.

Por ora, analisemos o elevador, interpretado aqui como símbolo da modernidade que se instalou em Portugal, sobretudo, nas grandes cidades, as quais, nas últimas décadas pós-25 de abril, passaram por transformações econômicas, urbanísticas, arquitetônicas e, por consequência, sociais e culturais, que orientam novas formas de circular, de morar e de viver do cidadão português. Sobre o processo de verticalização, Nadia Somekh (2014, p. 156) explica:

O capital imobiliário, então em fase de constituição, exige a multiplicação do solo (verticalização) como inovação à subdivisão do solo (loteamento), em uma nova estratégia de valorização do capital. O alto preço da terra e sua otimização não explicam, por si só, a verticalização, mas exatamente essa nova estratégia do capital imobiliário. Além da terra, a forma urbana transforma-se em mercadoria.

Apoiado pelo uso do elevador, o solo multiplica-se em altura e volume e a verticalização das metrópoles nada mais é do que uma demanda para atender a classe média urbana, como ilustram os excertos do conto:

Estes do condomínio bem podem comprar elevadores em condições e pagar a quem lhes vá acudir, se for caso disso (GERSÃO, 2016, p. 41 – grifo nosso).

[...] É verdade que o elevador se fecha que nem uma caixa de metal, mas *aquilo* deve ter algum buraco por onde venha o ar. Ou deve ter o ar condicionado, *aquela* gente tem ar condicionado em tudo quanto é canto. Se sentisse falta de ar devia ser só impressão (GERSÃO, 2016, p. 42 – grifo nosso).

Conforme podemos observar, o uso dos pronomes demonstrativos cumpre o seu papel gramatical, marcando a posição espacial da narradora segundo a posição dos moradores do condomínio. Entretanto, notamos também que o uso dos pronomes funciona como um mecanismo simbólico para indicar o distanciamento entre aquela que narra, a trabalhadora, e a classe média; ou seja, a narradora-personagem, independente do seu lugar do discurso, deixa claro o seu não-pertencimento à classe burguesa quando da escolha dos pronomes “estes”, no primeiro trecho, e “aquela”, no segundo, situando não só gramaticalmente Ricardina dos moradores do condomínio, mas, sobretudo, ratificando a segregação social na sociedade portuguesa. Ademais, quando ela emprega o pronome “aquilo” para referir-se ao elevador, a marcação vai além da função gramatical do termo e passa, no contexto do conto, a indicar o desprezo da trabalhadora pelo transporte de que se valem diariamente os moradores do condomínio que, para ela, não tem utilidade prática no seu cotidiano, além de fazê-la sentir-se sufocada e temerosa: “Não gosto de elevadores nem do metro, andar de baixo da terra dá-me um soco no estômago como se estivesse dentro de um caixão. E se aquilo nos cai na cabeça e a gente fica debaixo de montão de entulho? Andar cá por cima sempre é diferente, pelo menos tem ar” (GERSÃO, 2016, p. 42).

Enquanto os trabalhadores estão sujeitos a transportes subterrâneos, muitas vezes sem conforto, e demoram muito tempo para se deslocarem da residência ao trabalho e vice-versa, tendo em muitas situações que caminhar longas distâncias a pé ou tomar ônibus/autocarros lotados, sempre estafados, para a classe média, há outras opções de transporte mais eficientes e confortáveis como bons carros, elevadores com ar-condicionado, aviões e helicópteros que fazem rapidamente o trajeto da casa para o trabalho ou da casa para as compras.

A respeito da verticalização dos transportes para a classe média, recorreremos ao conto “Décimo mandamento”, que apresenta o banqueiro no trajeto entre sua residência e o trabalho:

Só que muito raramente, como naquela manhã, era ele próprio a conduzir o carro. Aliás poucas vezes utilizava o carro para chegar ao trabalho, já que tinha um helicóptero privado, que em escassos minutos o levava do prédio onde morava ao edifício do Banco. Descia então no elevador até a rua e entrava numa igreja ao lado” (GERSÃO, 2016, p. 105).

Para o banqueiro, as opções de transporte estão entre um carro confortável e o helicóptero privado que oferece uma viagem rápida e descansada até o local do trabalho. Todavia, naquele dia, usou o carro para conseguir refletir com calma sobre a situação de crise do Banco. Antes de ir ao trabalho, ele vai à igreja e divide, por alguns instantes, o espaço das escadarias com um mendigo e, somente ali, a desigualdade socioespacial é rompida, uma vez que é no rebaixamento do banqueiro, via transporte terrestre, que há a aproximação desses dois grupos sociais hierarquizados pela sociedade capitalista. Nos demais dias, como é possível notar, o banqueiro utiliza o elevador e é nesse movimento de cima para baixo que ele também desce do seu status social.

Em contraposição, voltemos a Ricardina, vítima da divisão social e geográfica do trabalho, que, para sobreviver, vende sua mão de obra, energia, tempo longe da família, descanso e lazer, já que a segregação espacial, presente no cotidiano social da classe trabalhadora, produz mecanismos de exclusão física, cultural e social, entre outros fatores:

Em chegando a casa, é acabar o jantar, que já ficou meio pronto, pra isso me levanto às cinco e meia, ver se os rapazes fizeram os deveres da escola, pôr roupa a lavar e ouvi-los bulhar um com o outro, até eu me zangar com eles. [...]

Eu, se pudesse, bem me deitava logo que chegasse, nem se me dava de comer ou não. Mas aqueles mafarricos nunca têm pressa de ir para a cama e nunca estão cansados, enquanto eu ando estafada e chego à noite a cair (GERSÃO, 2016, p. 41).

Na ausência de políticas públicas, tanto Ricardina quanto o mendigo sofrem com o descaso do Estado que, vinculado a interesses privados, favorecendo o capital e, por consequência, fazendo aumentar a pobreza da maioria da população, acredita (ou deixa-se enganar) nos benefícios do capitalismo e da globalização.

Tragamos à tona ainda a realidade do mendigo; realidade essa aparentemente sedutora até mesmo para o banqueiro, pela liberdade que demonstra na sua vivência na rua. Contudo, a marginalização extrema do mendigo o faz embrutecer, desumanizar-se e animalizar-se:

O mendigo devorava uma costela, sentado nos degraus da igreja, e tinha à frente um chapéu, à espera das esmolas. [...] parecia ter um ar quase normal, se não fosse a sujidade, a barba de muitos dias e o mau estado da roupa. [...] a abrir a boca [...] tinha dentes podres

e lhe faltavam alguns [...] dava grandes dentadas no pedaço de carne que segurava numa das mãos [...] Mastigava com vontade e dava outra dentada, inclinando um pouco a cabeça, como os cães costumam fazer quando procuram a melhor posição para cravar os dentes (GERSÃO, 2016, p. 104).

Além de salientarmos mais uma questão da desigualdade social, no trecho anterior, a discussão vai além e aprofunda-se, pois trata-se agora das condições humanas no desenvolvimento capitalista, indicando um processo gradativo de aproximação entre o ser humano e o animal.

Entre a servidão da trabalhadora e o abandono do mendigo, Teolinda aponta os processos de desenvolvimento desigual da sociedade portuguesa que, impulsionada pela propaganda do capital, passa a sofrer uma desigualdade estrutural quase irreversível.

3 Os mandamentos da lei de Deus e sua subversão no espaço geográfico

De acordo com o pensamento do geógrafo francês Éric Dardel, o espaço geométrico se diferencia do espaço geográfico de modo bastante singular. Enquanto o primeiro se caracteriza por ser homogêneo, uniforme e neutro, o segundo “tem um horizonte, uma modelagem, cor, densidade. Ele é sólido, líquido ou aéreo, largo ou estreito: ele limita e resiste” (DARDEL, 2011, p. 02). O espaço geométrico opera no espaço abstrato, destituído de conteúdo e disponível para quaisquer combinações. Ao contrário do espaço geográfico que se revela único, dotado de peculiaridades que o diferenciam.

Interessa-nos aqui suscitar uma reflexão a partir do que Dardel caracteriza como “espaço construído” no âmbito do que defende como espaço geográfico. Nossa intenção, a partir da leitura dos contos em tela, é analisar alguns espaços construídos pelo homem que exercem papel fundamental nos contextos das duas narrativas. Estamos a considerar a igreja, espaço de devoção do protagonista de “Décimo mandamento”, e o elevador, espaço do grande conflito que se instaura intimamente em Ricardina de “O meu semelhante”.

É importante salientar que ambos os espaços demarcados estão intrinsecamente relacionados com o exercício ou não dos mandamentos da lei de Deus, revelados por Moisés no Monte Sinai, bem como ao sentido dado por Jesus às verdades reveladas, resumidas nos mandamentos do amor a Deus e ao próximo. Ao enunciarem os deveres fundamentais do

homem para com Deus e para com o seu semelhante, os mandamentos constituem princípios que se pautam na ética e na comunhão com o divino, tendo por intuito o caminho para a felicidade e a realização humana.

Consideremos, de início, o espaço construído da igreja, palco dos acontecimentos que se desenrolam em “Décimo mandamento”. Somos apresentados, logo no princípio, pelo narrador onisciente, ao lado de fora do templo, aos seus degraus, onde um mendigo, cuidadosamente observado por outro personagem – o banqueiro –, devora com ânsia e prazer uma costeleta acompanhada de um pedaço de pão. Na cena seguinte, torna-se foco esse outro personagem *voyeur* que sai do carro ali estacionado e adentra à igreja, transpondo o mendigo, agora deitado num dos degraus do templo. Assim, tanto o lado exterior, representado pelos degraus, quanto o lado interior, representado pelo banco da igreja onde piedosamente o banqueiro se propõe a orar, descrito como aquele que possuía, além do automóvel, um helicóptero, compõem o complexo religioso responsável pela problemática sustentada por Teolinda nesse conto.

Segundo o *Dicionário de símbolos*, o símbolo da igreja pode assumir diversas formas. Do ponto de vista cristão, simboliza “a imagem do mundo [...]. Simboliza Jerusalém, o reino dos eleitos, a igreja paradisiaca, o microcosmo e a alma humana. [...]. É igualmente considerada como a Esposa do Cristo e a Mãe dos cristãos. E, sob esse aspecto, se lhe pode aplicar todo o simbolismo da mãe” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1995, p. 500-501). Avançando um pouco mais nessa compreensão, o *Dicionário das religiões*, de John Hinnells, argumenta que “tradicionalmente, através dos séculos, ‘a igreja’ tem sido interpretada como todo o corpo de cristãos, vista como um corpo santo, católico (universal) e apostólico (que descende dos apóstolos)” (HINNELLS, 1984, p. 129-130). Um lugar, portanto, que, de modo magnânimo, representa a casa não só do Cristianismo, mas de seus princípios e dogmas, de seus postulados e rituais, de seus mandamentos em suma.

Em sendo o espaço interior da igreja o “corpo de Cristo” ou mesmo a sua mãe, a “Mãe dos Cristãos”, o seu lado exterior se configura o seu oposto, na medida em que reflete o lado mundano da vida, caracterizado como profano. Mircea Eliade discrimina claramente, em *O sagrado e o profano*: a essência das religiões (2001), como esses dois polos se configuram, sem deixar de levar em consideração a sua possibilidade de intersecção:

A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos – e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado (ELIADE, 2001, p. 29).

A fronteira que separa o espaço dos degraus, habitado pelo mendigo, do banco da igreja, ocupado pelo banqueiro, revela o quanto esses dois mundos se antagonizam e, ao mesmo tempo, se aproximam. Veremos, no momento oportuno, de que modo Teolinda, sábia e ironicamente, pontua o encontro da situação de miséria com a condição de riqueza.

Interessa-nos ainda por agora trazer a lume uma vez mais o pensamento filosófico de Mircea Eliade no que tange à representação do templo religioso, visto a estreita relação que podemos tecer com o conto “Décimo mandamento”. Eliade, com a intenção de salientar a contraposição inequívoca entre o que é “do Alto” e o que é “da Terra”, assegura a incorruptibilidade do templo, idealizado como o abrigo da santidade, logo “obra dos deuses e, por consequência, encontra-se muito perto dos deuses, no Céu” (ELIADE, 2001, p. 56). O lugar do sagrado promove a abertura da interlocução com o mundo dos deuses, justamente a que se propõe fazer o banqueiro quando todos os dias se dirige à igreja em sinal de súplica.

Entretanto, naquele dia, o desespero era maior e exigia dos deuses uma participação mais direta, decididamente eficaz. Isso porque o banqueiro se encontrava em dificuldades na condução do Banco e apenas um auxílio divino poderia tirá-lo desse imbróglio financeiro. Como sempre tinha sido fiel a Deus, cumprindo com rigor os seus deveres e até se fustigando quando necessário, pediu que o Senhor o iluminasse e lhe apontasse o caminho a seguir. Antes mesmo dessa súplica, justifica o papel chave que desempenha na sociedade, fundamental para a manutenção do *status quo*: “Pertencia com bravura à elite que dominava a sociedade, segurando-a pela cabeça. Se a cabeça da sociedade estivesse a salvo, também o resto do corpo social sobrevivia” (GERSÃO, 2016, p. 104-105). Deus, assim, salvaria a sua cabeça.

Ironicamente, Teolinda coloca em xeque que lugar sagrado é esse em que a elite, em detrimento das classes sociais mais baixas, considera-se a cabeça pensante que a todos governa e impõe. Que templo santo é esse que privilegia o dinheiro e o poder e abandona em seus degraus o pobre e o miserável? Evidentemente que é por meio do personagem que somos mergulhados no discurso das entrelinhas, visto que são por seus pensamentos que Teolinda, de modo especialíssimo, introduz a crítica ferina à desigualdade social. De modo irônico quase sempre, seleciona as palavras para adjetivar essa figura ilustre que se sente abandonada por Deus diante dos infortúnios da matéria. Uma delas é “humilde” para qualificar seu corpo submetido ao cilício, ao flagelo para não sucumbir ao pecado da carne. Um homem humilde que sente inveja do mendigo, uma cobiça que se manifesta ao recordar da cena dantesca que presencia de dentro do carro. Como se fosse uma ofensa diante do que ele representa para a sociedade que privilegia todos os atos da elite.

O décimo mandamento alerta para que os homens comuns não cobicem o que é do próximo, nada que pertença a outrem deve ser cobijado. O mais curioso é que a cobiça neste conto nasce daquele que possui recursos que tudo tem do ponto de vista material. É um banqueiro bem-sucedido, dono de um helicóptero, quase semelhante a Cristo no Monte das Oliveiras. O que, de fato, ele cobiça? Reportemo-nos novamente ao conto de Teolinda:

As suas lágrimas pareciam-lhe provir agora, inexplicável e confusamente, do mendigo que vira comer com gula, do pecado de ter tido inveja de o ver comer daquele modo bruto, daquele prazer animal de cravar os dentes no pedaço de carne, devorando-a com tenacidade até o osso (GERSÃO, 2016, p. 106).

A cobiça nasce justamente da liberdade que o mendigo transparece por escancarar o seu prazer naquilo que pôde possuir, fruto de esmolas recebidas nos degraus da igreja. Aliás, os parágrafos iniciais do conto esmiúçam o comportamento animalesco do mendigo, mergulhado que estava em devorar a costeleta com o naco de pão entre um gole ou outro de uma cerveja em lata. O cenário foi devidamente degustado pelo banqueiro que o relembra já dentro do templo, em posição de súplica a Deus por uma salvação para os problemas do Banco.

Mais curioso ainda é o destaque dado pelo narrador onisciente ao momento posterior à cena da devoração desenvolvida pelo mendigo,

não mais direcionada às ações desse personagem, antes à manhã ensolarada, em contraste com o que seria previsto àquela hora matinal. O sol, assim, lançara seus raios de vida sobre o mendigo e não sobre o banqueiro, preocupado que estava em logo adentrar ao templo e rogar por um milagre.

Em recorrência novamente ao espaço do sagrado, representado pela igreja, fixemos nosso olhar sobre o que decorre em seguida com o banqueiro assim que se manifesta o pecado da inveja. Na ânsia por ser iluminado por Deus, concedendo-lhe um caminho a percorrer diante do infortúnio, eis que se vê na condição de benemérito dos mendigos com um plano mirabolante onde impera tudo, menos o amor verdadeiro ao próximo. De modo irônico, Teolinda subverte o princípio da salvação advindo do ato de servir pelo princípio do egoísmo, pela mais-valia capitalista que mascara a exploração do outro com uma roupagem altruísta a ser veiculada ao público. Mais uma vez a palavra “humilde” aparece, agora para adjetivar a condição de “servo” do banqueiro, dedicado à ação solidária em prol dos desvalidos. Nas duas vezes em que tal adjetivo foi empregado, a intenção de Teolinda foi justamente ressaltar o contrário do que deveria significar. Humildade autêntica tem o mendigo, haja vista a sua condição de penúria e de desfavorecimento.

Pensando estar cumprindo com o sentido de obrigação intrínseca do lugar sagrado, o banqueiro se benze e reverencia o Altíssimo, sem lançar sequer um olhar para o mendigo, debruçado sobre os degraus da igreja. O lugar sagrado, na concepção de Zeny Rosendahl, “não apenas encoraja a devoção, como a exige, não apenas induz a aceitação intelectual, como reforça o compromisso emocional do devoto” (ROSENDAHL, 2002, p. 64). A devoção do banqueiro, o seu compromisso emocional, o impeliu não à prática do Bem, antes à manutenção, cada vez mais atroz, da desigualdade entre as classes sociais.

Já em “O meu semelhante”, o espaço construído não será mais a igreja, mas o elevador, local de onde pulsa o grande conflito desencadeado ao longo da narrativa. Concebido como uma máquina destinada a transportar na vertical pessoas e cargas, o elevador é utilizado por Teolinda em *Prantos, amores e outros desvarios* em dois momentos. Em “Décimo mandamento”, aparece uma única vez, apenas para destacar o seu uso pelo banqueiro dentro do estabelecimento bancário onde trabalhava para poder ter acesso à rua onde se encontrava a igreja que frequentava habitualmente.

Em “O meu semelhante”, é a partir do elevador que a trama é tecida, narrada em primeira pessoa pela faxineira Ricardina. Tudo gira ao redor do sentimento de culpa que invade a mente de Ricardina depois que percebeu que algum morador ou alguma moradora tinha ficado preso/presa no elevador, no instante em que ela estava de saída do trabalho. Um sentimento de culpa justificado, em grande parte do conto, pela sua falta de tempo em socorrer. Afinal, era também mãe e dona de casa e precisava se valer de vários meios de transporte até poder chegar à morada que dividia com os filhos rapazes. Não gostava de usar nem o elevador, nem o metro e sentia arrepios em usar o comboio que cruzava pontes. Apenas o barco era para Ricardina mais seguro.

Além da falta de tempo, várias outras justificativas por não ter socorrido quem lá ficara preso são sustentadas pela faxineira: não sabia onde andaria o segurança do condomínio naquele instante em que percebeu o incidente; não tinha nada a ver com o ocorrido, já que sua função era a lavagem das escadas e só utilizava o elevador para poder lavá-las; com toda a certeza os elevadores do condomínio eram bons, dada a atenção a eles dispensada; estava atulhada de coisas a transportar para casa e não tinha como pedir ajuda a ninguém, pois sequer encontrara no caminho quem pudesse socorrer.

Mesmo diante de tantas justificativas, fala mais alto o sentimento de culpa no coração de Ricardina. Em outras palavras, toca fundo o segundo mandamento cristão que enuncia o amor ao próximo, o amor ao semelhante: “E ainda estou a pensar que podia ter feito alguma coisa. Não me sai da cabeça a mulher lá trancada toda a noite. O que ela deve ter sofrido, coitada. E Deus manda ajudar o nosso semelhante. Pois”. (GERSÃO, 2016, p. 47).

No dia seguinte, por meio do discurso do segurança tanto Ricardina quanto nós, leitores, somos esclarecidos do incidente ocorrido no elevador com uma senhora do oitavo andar que sofria de claustrofobia e que só pôde ser socorrida horas mais tarde, noite adentro. Apesar do pânico e do descontrole, saiu ilesa, “sem mesmo quebrar um osso”. Afora a topofobia de se transportar em vários meios de transporte, junta-se agora, no coração de Ricardina, o medo de elevadores.

O que nos interessa ressaltar nesse conto de Teolinda, para além da crítica ferina às desigualdades sociais, diz respeito, ainda que indiretamente, ao papel da religião cristã no comportamento dos personagens implicados nessa história. Em que medida é compreendido

por Ricardina o mandamento “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”, anunciado por Jesus em Mateus 22, após ser inquirido por um doutor da lei? Literalmente, Jesus anuncia dois grandes mandamentos: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. (BÍBLIA SAGRADA, 1995, p. 1058). Analisemos, pois, de que modo Ricardina se comporta diante desse mandamento visceral da doutrina de Jesus.

Durante todo o desenrolar do conto, somos confrontados com uma personagem que vacila entre duas atitudes e dois comportamentos: entre a culpa e o arrependimento, entre o compromisso e a não-responsabilidade. Somente nas linhas finais do texto é que se descortina o real intento de Teolinda: colocar sob suspeição o que, de fato, significa o amor ao próximo, ao seu semelhante quando o que fala mais alto é a classe social, a origem estratificada da sociedade capitalista. Os pensamentos derradeiros de Ricardina expressam o que de mais límpido há para aquela que se dedica a lavar, a tirar a sujeira:

Devia ajudar o meu semelhante? Ora, tinha de tratar da minha vida primeiro.

E aquela mulher nem era semelhante a mim. Se fosse, vivia no meu prédio ou no meu bairro.

Aí é claro que eu voltava atrás e a ajudava, mesmo que fosse carregada e com pressa.

Mas nem ia ser preciso. No meu bairro não há elevadores (GERSÃO, 2016, p. 47).

A não-semelhança impera em todas as circunstâncias, impelindo Ricardina a não se sentir mais culpada por não ter socorrido a senhora presa no elevador. Ao subverter o segundo mandamento de Jesus, decorrente dos mandamentos da lei de Deus, Teolinda sobrepõe a desigualdade social à religião. O amar ao próximo, na leitura depreendida, decorre, necessariamente, do estrato social. Amar ao próximo como a si mesmo é o que Ricardina propõe, desde que seja semelhante a ela: pobre, sofrida, desigual.

4 Considerações finais

No conjunto das obras de Teolinda, *Prantos, amores e outros desvarios* parece se enquadrar perfeitamente naquilo que Orivaldo Rocha

da Silva sustenta no artigo “Teolinda Gersão: contadora de histórias”, ou seja, que, “a partir de *A casa da cabeça de cavalo* (1995), é possível considerar que a autora assume claramente certa vocação de contadora de histórias, o que reflete em um trabalho de escrita posterior que prioriza, sobretudo, o gênero da narrativa curta” (SILVA, 2017, p. 6105). De fato, poucas foram as narrativas longas que entremearam o período de 1995 a 2016, ano da publicação de *Prantos, amores e outros desvarios*. Ao que tudo indica, Teolinda procurou dar voz e vez a histórias pessoais, marcadas por dissabores diversos, conforme pudemos constatar ao longo das narrativas “O meu semelhante” e “Décimo mandamento”. Histórias de vida retratadas sob o olhar ora da classe oprimida, ora da classe privilegiada, em evidente interlocução, ainda que de modo subliminar.

Nos contos, Teolinda faz um mergulho profundo no cenário da desigualdade socioespacial de Portugal, sobretudo, Lisboa. No relato sobre a dependência da sociedade ao capital, tanto Ricardina quanto o mendigo são vítimas de uma ofensiva capitalista e transnacional que coloca o destino do país nas mãos dos banqueiros, a exemplo do que ocorre no conto “Décimo mandamento”: “Os Bancos eram os alicerces, se falissem a sociedade ruía” (GERSÃO, 2016, p. 107). Assim, nesse triste retrato, que não é só local, mas mundial, apresenta-se como momento da retração da regulação social e o aumento da desigualdade.

As transformações, segundo Boaventura de Sousa Santos (2001), pensando em benefícios para todos, somente ocorrerão a partir de intervenções da sociedade civil, desvinculada de qualquer interesse político, econômico, social e religioso.

Referências

BÍBLIA. Português. *Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos*. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1995.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 9ed. Trad. Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

DARDEL, Éric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. Trad. Werther Holzer, 2011.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GERSÃO, Teolinda. *Prantos, amores e outros desvarios*. Porto: Porto Editora, 2016.

GOMES, Álvaro Cardoso. *A voz itinerante: ensaio sobre o romance português contemporâneo*. São Paulo: EDUSP, 1993.

HINNELS, John. *Dicionário das religiões*. Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

MARX, Karl. *O capital*, Livro I. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. 2ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Os processos da globalização. In: SANTOS, B. S. (Org.). *Globalização: fatalidade ou Utopia*. Porto: Afrontamento, 2001, p. 31-105.

SILVA, Orivaldo Rocha da. Teolinda Gersão, contadora de histórias. In: *Anais do XV Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro: ABRALIC, v. 4, 2017, p. 6102-6108.

SOMEKH, Nadia. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador*. 2. ed. São Paulo: Editora Mackenzie e Romano Guerra Editora, 2014.

Data de recebimento: 30 de agosto de 2021.

Data de aprovação: 4 de dezembro 2021.